

Análises discursivas da linguagem neutra¹ na virtualidade

Discursive analyzes of neutral gender language in virtual environment

Andre Cordeiro dos Santos

Instituto Federal de Alagoas

Gustavo dos Santos Chicuta

Instituto Federal de Alagoas

Andre Cordeiro dos Santos

Professor da Educação Básica, Técnica e Tecnológica do Instituto Federal de Alagoas – *Campus* Murici. Doutor em Linguística. E-mail: andre.cordeiro@ifal.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8760-192X>.

Gustavo dos Santos Chicuta

Professor da Educação Básica do estado de Pernambuco. Graduado em Letras-Português com especialização em Linguagem e Práticas sociais. E-mail: gustavochicuta123@outlook.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1646-3822>.

Recebido em:
02/05/2023

Aceito em:
12/06/2023

MAI / AGO 2023
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 126-141

RESUMO

A Língua Portuguesa passou por diversas transformações formais, evoluindo e chegando ao que conhecemos e falamos atualmente. Dentre essas mudanças, destacamos o surgimento da linguagem neutra, que é resultado de um movimento em favor da aceitação de um terceiro tipo de gênero, o neutro, que seria capaz de representar e incluir os chamados não binários. Adentrando as problemáticas relacionadas ao uso da linguagem neutra, o objetivo da presente pesquisa é analisar a neutralização de gênero no português brasileiro na perspectiva do sistema linguístico e sua aplicação na virtualidade de forma integrativa às diversidades. Para tanto, a metodologia utilizada neste trabalho consiste em pesquisa aplicada, de caráter exploratório, que combina levantamento bibliográfico atualizado sobre o tema, bem como dispositivos legais que disciplinam a matéria, e análise do Guia de Linguagem Oral Não Binária e Neutra de Lobo e Gagaiian (2015) e, também, de postagens da página *RExistência Não Binária* do Facebook, para compreender melhor algumas das estruturas linguísticas que são utilizadas nesse tipo de interação. Como resultados, percebemos que há uma aceitação significativa no ambiente virtual da linguagem neutra, embora haja ponderações sobre algumas de suas formas de uso.

PALAVRAS-CHAVE

Linguagem Neutra. Não Binários. Inclusão social.

ABSTRACT

The Portuguese language has undergone several formal transformations,

1 Apesar de ser comum a nomeação “linguagem neutra”, muitos pesquisadores e militantes têm preferido usar linguagem inclusiva e/ou linguagem não binária. Apesar de reconhecermos, junto com esses autores, que, do ponto de vista linguístico, não há neutralidade na língua, porque essa linguagem materializa ideologia, valores etc., optamos por manter “linguagem neutra”, por ser a forma mais popular de nomeação, sem, com isso, negar a axiologia que essa linguagem encena.

evolving in its forms to be what we know and speak nowadays. Among these transformations, we highlight the emergence of the gender-neutral language, which is a movement in favor of the acceptance of a third type of gender, the neutral, that could represent and including the so-called non-binary. Taking part of the discussion about the use of neutral language, the objective of the present research is to analyze gender neutralization in Brazilian Portuguese from the perspective of the linguistic system and its application in virtuality in an integrative way to diversities. To this end, the methodology used in this work consists of applied research, of an exploratory nature, through an updated bibliographic research on the subject, as well as legal devices that regulate the matter and the analyze of the Non-Binary and Neutral Oral Language Guide by Lobo and Gagliaian (2015) and also posts from the Facebook page RExistência Não Binária, to verify and better understand some structures that are used in this type of utterance. As results, we verified a significant acceptance of gender-neutral language in virtual environment, even there are some ponderations about its use.

KEYWORDS

Gender-neutral language. Non-binary. Social inclusion

1. Introdução

A Língua Portuguesa passou por diversas transformações ao longo de sua história, em todos os seus níveis, evoluindo até chegar ao que conhecemos e falamos hoje em dia. Esse processo de mudança é ininterrupto, embora haja forças de resistências a essas mudanças. Assim, podemos afirmar que a Língua Portuguesa, como qualquer outra língua viva, não é imutável e, por ser dinâmica, não é incomum que alterações em sua estrutura aconteçam de tempos em tempos para acompanhar o desenvolvimento e/ou as novas demandas da sociedade. Como parte desse processo de – tentativa de – transformação da língua, temos, como acontecimento relativamente recente, o surgimento da chamada linguagem neutra que, de acordo com Basso e Gonçalves (2017), caracteriza-se como um movimento em favor da aceitação de um terceiro tipo de gênero, o neutro, que seria capaz de representar e incluir os sujeitos sociais chamados não binários.

Esse tipo de linguagem surge de um movimento social que tenta garantir a não opressão de pessoas trans não binárias, intersexo e de gênero não conformantes. Baldez (2022), em um de seus estudos, ressalta que a linguagem neutra busca evitar o uso de gêneros tradicionalmente aceitos, o masculino e o feminino, a fim de tornar a comunicação mais inclusiva e menos sexista. Nesse tipo de linguagem, a título de exemplo, entre algumas possíveis formas de manifestação da neutralidade, podemos ter os artigos femininos e masculinos substituídos por “x”, “e” ou “@”. Essas substituições vêm ganhando força no mundo virtual, como forma de inclusão e de comunicação mais integrativa em respeito às diversas identidades dos sujeitos na rede – embora seu uso não seja um consenso.

Considerando essa questão da linguagem neutra posta em tela, tomamos a seguinte pergunta como norteadora da nossa pesquisa: Como a linguagem neutra pode tornar a comunicação mais integrativa numa perspec-

tiva de respeito às diversas identidades no ambiente virtual? A partir desse questionamento, buscamos analisar a neutralização de gênero no português brasileiro na perspectiva do sistema linguístico e sua aplicação na virtualidade de forma integrativa às diversidades. Assim, a justificativa desse estudo se dá em razão da grande relevância que essa discussão sobre o uso de uma linguagem neutra tem ganhado na sociedade, sendo caracterizada como uma forma de não promover a exclusão de pessoas que não se identificam com a divisão binária de gênero em masculino e feminino. Dada a sua importância, esse tema vem sendo foco de discussões e embates realizados tanto no âmbito acadêmico quanto da população em geral e, inclusive, no Poder Legislativo, que propôs, só em 2020, quatro projetos a esse respeito².

Compreendemos que temos, para além de uma questão de inclusão social puramente, uma questão de linguagem relacionada diretamente à inclusão de determinados grupos de pessoas e, assim, cabe-nos, como estudiosos da linguagem, compreender e analisar esses usos que têm sido feitos da linguagem neutra em vista da aceitação dos sujeitos sociais que se valem desses usos. Portanto, consideramos que é de suma importância compreender a neutralização do gênero numa perspectiva linguística, sua evolução e importância para a comunicação integrativa, bem como evidenciar os argumentos favoráveis e contrários à linguagem neutra e sua aplicação na virtualidade.

Considerando as questões até aqui postas, o objetivo da presente pesquisa é analisar a neutralização de gênero no português brasileiro na perspectiva do sistema linguístico e sua aplicação na virtualidade de forma integrativa às diversidades a partir da análise de documentos oficiais, de um guia de linguagem neutra e de postagens de uma página do Facebook. Entre os objetivos específicos, listamos: (i) discutir o tratamento dado pela Linguística Formal à expressão de gênero no Português; (ii) estudar as estratégias para a neutralização de gênero gramatical no Português Brasileiro e o uso de '@', '-x' e '-e'; (iii) analisar os argumentos favoráveis e contrários à linguagem neutra e sua aplicação na virtualidade; e, por fim, (iv) evidenciar se a aplicação da linguagem neutra favorece ou não a comunicação mais inclusiva.

Este estudo está dividido, além da *Introdução* e das *Palavras finais*, nas seguintes partes: *Língua e identidade: uma perspectiva sociolinguística*, *Análise da linguagem neutra em espaços virtuais*, *Metodologia* e *Análise de resultados*.

2. Língua e identidade: uma perspectiva sociolinguística

Compreender a questão do uso da linguagem neutra passa, num primeiro momento, pela adoção de uma perspectiva que dê conta de conciliar o social

2 O Projeto de Lei nº 703 (PL, 703/2020), da Assembleia Legislativa de São Paulo, proíbe a utilização da denominada "linguagem neutra" por instituições de ensino da rede pública e privada e bancas examinadoras de seleções e concursos públicos em currículos escolares e editais; Os Projetos de Lei de nº 5.198 e 5.385, da Câmara dos Deputados, caminham nessa mesma direção, vedando o uso da linguagem neutra em estabelecimentos de ensino; e o Projeto de Lei 663/2020 proposto pela Assembleia Legislativa do Paraná veda expressamente o uso do pronome neutro na administração pública estadual.

e o linguístico, de forma indissociável, como objeto de estudo. Por isso, partimos da Sociolinguística como aparato teórico de base à nossa análise. Nessa perspectiva, as variações e mudanças linguísticas são influenciadas tanto por fatores estruturais quanto sociais e, nesse sentido, a natureza mutável da língua é um pressuposto fundamental que orienta e sustenta a observação, a descrição e a interpretação do comportamento linguístico.

No que se refere aos estudos das variações e mudanças linguísticas, em 1962, Labov – que é considerado o pioneiro em Teoria da Variação e Mudança Linguística – publicou, em sua dissertação de mestrado, estudos sobre a comunidade de *Martha's Vineyard*. Nessa pesquisa, ele investiga as diferenças entre os dialetos dos ilhéus indígenas em relação à terra e à variedade de grupos de falantes de outras áreas, que enfatizam claramente a interdependência entre língua e sociedade e que são capazes de descrever o uso da língua como meio de identificação (ou não) com a ilha. Essa obra do autor, de acordo com autores como Bortoni-Ricardo (2014), representou a transição entre a dialetologia geográfica e a sociolinguística variacionista urbana.

Sobre os estudos dialetológicos, Faraco (2005) afirma que a principal base vem do fato de que a distribuição social em uma determinada área é o motivo da separação das línguas e que cada ponto dessa área possui experiências sociais e culturais que se refletem na língua. Labov (1962), no seu estudo, apoiou-se no trabalho de potência da gravação espontânea da fala, visando aproximar-se da língua local dos falantes.

Vinculando as questões linguísticas a questões de identidade, consideramos Hall (2013), que propõe uma avaliação geral do problema identitário: critica a ideia de uma “identidade integrada, original e unificada” (HALL, 2013, p. 103) e sugere que trabalhe com o conceito de identidade no contexto da “remoção” como uma espécie de “ideia que não pode ser pensada à moda antiga, mas sem a qual certas questões centrais não podem sequer serem pensadas” (HALL, 2013, p. 104). Por isso, os sujeitos devem seguir a perspectiva da mudança que significa identidade, não cancelando produções anteriores do conceito, mas enfatizando sua desconstrução e atualização. Ao se debruçar sobre o assunto, o autor prefere remeter-se às questões sobre a construção da identidade com o termo identificação; visto isso, ele situa-se na discussão do processo de subjetivação.

Na linguagem do senso comum, a identidade se constrói na identificação de uma origem comum ou características comuns com outros grupos ou pessoas, ou com o mesmo ideal. Sob esse alicerce, há um fechamento natural que forma a base da solidariedade e lealdade desse grupo (HALL, 2013).

Ainda na identidade, ele considera que:

O conceito de identidade aqui desenvolvido não é, portanto, um conceito essencialista [...]. Este conceito de identidade não significa aquele núcleo estável do eu que vai do começo ao fim sem nenhuma mudança através de todas as dificuldades da história (HALL, 2013, p. 108).

Fundamentados nessa afirmação, entendemos que a identidade nunca é completa e sempre traz o ideal de pertencimento e continuidade; é um processo que se repete constantemente, mesmo que não o percebamos; um

conceito fluido que resiste à visão da permanência e completude do “ser”. Esse último ignoraria a ideia de que os fatores que constroem a identidade podem ser historicidades, que são transcendidas pelas mudanças e que todo esse processo de transformação e mudança é socialmente construído, como defende Butler (2003).

Com base em alguns elementos identitários, como a cultura, a história e a origem, Silva (2000) evoca uma compreensão da identidade que é percebida de uma diferença para outra. Para ele, confirmamos quem somos contra o que o outro é: “Sou brasileiro” significa que “não sou argentino”, “não sou alemão” e assim por diante. Da mesma forma, dizer “sou mulher” significaria dizer “não sou homem”, assim como “sou não binário” significaria dizer “não sou apenas homem ou apenas mulher”. De acordo com o autor:

As reivindicações de diferença também dependem de uma cadeia de reivindicações negativas sobre (outras) identidades, muitas vezes ocultas. Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, portanto, inseparáveis (SILVA, 2000, p. 75).

Desse modo, as reivindicações sobre a diferença só são possíveis quando são compreendidas em relação às reivindicações sobre a identidade. Silva (2000) mostra ainda a existência de pluralismo para essa afirmação ao defender que as reivindicações identitárias não fariam sentido – em um mundo imaginário completamente homogêneo – se todas as pessoas a compartilhassem.

A confirmação de identidade e a marcação de diferenças sempre requerem operações de inclusão e exclusão. Como vimos, dizer “o que somos” também significa dizer “o que não somos”. Identidade e diferença são assim traduzidas em reivindicações sobre quem pertence e quem não pertence, quem pertence e quem é excluído (SILVA, 2000).

Essas considerações nos levam a entender que, como todos os elementos da sociedade, a identidade também está sujeita a questões de juízo de valor, poder e hierarquia. Se pensarmos nos movimentos de inclusão e exclusão mencionados pelo autor, podemos concluir que existe uma norma e que pregar a identidade como norma significa marginalidade, inferioridade, não reconhecimento e, sem dúvida, dar *status* ao outro. Portanto, vale ressaltar que a disputa por identidades também reflete uma disputa político-social e ideológica.

Caminhando nessa perspectiva, Bagno (2011) defende que toda língua é dada e desenvolvida dentro de uma comunidade, assim, não podemos analisá-la como secundária à vida dos falantes e aos momentos históricos, sociais e culturais nos quais ela está inserida. A linguagem é claramente um ato político e tem sido um meio pelo qual certos grupos tentam defender e reivindicar seus direitos, sua identidade.

Para este último aspecto, que a linguagem é também meio de defesa e argumentação, baseia-se no fato de trazermos para o palco o objeto deste estudo, a linguagem neutra, entendendo-a como meio de inclusão social, a partir do fato de que a linguagem/língua seja o que as pessoas têm de mais íntimo e o que, segundo Leite (2008), representa sua subjetividade, sua identidade. Assim, avançamos no tema quando abordamos a identidade de gênero e a própria linguagem neutra.

3. Análise da linguagem neutra nos espaços virtuais

Membros da comunidade LGBTQIAP+ expressam suas experiências por meio da orientação sexual e da identidade de gênero. Dessa forma, no que se refere à identidade de gênero, uma pessoa se define diante da sociedade como homem, mulher, transgênero/transsexual ou travesti. No entanto, a população trans não binária não se sente representada na língua portuguesa devido a condições linguísticas limitadas e, portanto, acabam se distanciando da norma linguística dita padrão, fazendo uso de uma linguagem neutra que retira os marcadores de gênero que classificam um indivíduo apenas como masculino ou feminino e, ao mesmo tempo, defendendo que não existem apenas esses dois gêneros, mas sim vários outros que compõem suas identidades.

Para promover a inclusão de diferentes gêneros identitários e sociais, essa comunidade desenvolveu uma linguagem não binária ou neutra, doravante LN-B, que confronta paradigmas sociais de gênero e comportamentos a eles relacionados. No entanto, a LN-B não se destina apenas ao uso de membros da comunidade LGBTQIAP+ e seus apoiadores, pois, sendo parte de um movimento mais amplo, os seus defensores visam tornar o seu uso comum para todos os membros da sociedade.

Assim, com vistas à integração de determinados grupos sociais pela LN-B e a difusão da LN-B na sociedade, têm sido criados guias e manuais que ajudam a entender e a visualizar essa linguagem na prática, a exemplo do *Guia para Linguagem Oral Não Binária ou Neutra* (2015). Para seu desenvolvimento, teóricos da linguística e das ciências sociais foram convidados a estudar recursos dessa linguagem e, assim, definiram a função da linguagem e seu papel em termos de expressão comunicativa social. Eles também levaram em conta as manifestações no domínio da *internet*, que preservou a maior parte desses eventos linguísticos. Foram examinadas evidências de seu uso na rede social *Facebook*, em que um grupo e página denominado *RExistência Não Binária* forneceu informações sobre o uso ao vivo da LN-B, representado em suas postagens, memes populares ou divulgando notícias do mundo *queer*.

Para investigar a função e o papel dessa linguagem, conforme proposto, foram utilizados, pelos administradores da página do grupo, dois questionários para indicar os públicos que conhecem e não conhecem a LN-B, levando a impressões positivas sobre seu uso e a constatação da capacidade da linguagem de continuar a representar a sociedade brasileira por meio dessas formas neutras.

Levando em conta tanto os aspectos sociais, históricos e políticos, referentes à questão de gênero no Brasil, quanto os linguísticos, faz-se necessária a análise da linguagem não binária (LN-B) ou neutra não apenas como verificação gramatical, mas também como uma nova alternativa à linguagem binária e categorizadora que visa excluir o gênero das palavras relacionadas às pessoas.

Para isso, primeiro é necessário abordar o viés social mediante o qual grupos LGBTQIAP+ não binários optam por adaptar a língua portuguesa. A filósofa Judith Butler (2003) é considerada pioneira nos estudos de gênero, que privilegia uma visão positiva e feminista da questão LGBTQIAP+. Nessa ótica, as pessoas passaram a lutar ativamente por seus direitos desde a

década de 1970, quando travestis e *drag queens* se posicionaram contra a violência policial e social tanto nos Estados Unidos (onde começou a rebelião) quanto no Brasil. Segundo dados do Dossiê de Mortes e Violências contra LGBTI+ publicados pela *Agência Brasil*, em 2021, houve no Brasil pelo menos 316 mortes violentas de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e pessoas intersexo. Esse número indica um aumento de 33,3% em relação ao ano anterior (2020), quando foram registradas 237 mortes.

A superação do preconceito já é um grande desafio para essa população, no entanto os estudos não param e se desenvolvem a cada dia: tanto Butler (2007) e sua Teoria *Queer*, quanto Salih (2015), em seus estudos de gênero na contemporaneidade, discutem a formação da identidade LGBTQIAP+, refletindo sobre seus aspectos como sendo “construídos discursivamente ao longo do tempo e das culturas [...]” (SALIH, 2015, p. 23). Em sua definição, Salih (2015) pondera que essa teoria combina as categorias de gênero, performatividade, sujeito, sexo, linguagem e psique, que juntas constituem a chamada “expressão de gênero” por meio da qual corpos sociais homossexuais e transgêneros se manifestam e lutam diariamente pelo direito a essa inclusão sócio-privada.

Antes de tudo, é preciso entender: o que é identidade de gênero? Ela difere da sexualidade por dois fatores primários: a sexualidade diz respeito ao gosto de um indivíduo pela atração física, romântica e sexual. A própria identidade é a forma como um indivíduo se apresenta à sociedade, excluindo o fator “relacionamento” e incluindo o fator “gênero”. No entanto, a definição de gênero adotada pela comunidade *queer* no Brasil é baseada nos próprios indivíduos que definem o que pode ser definido como gênero.

De acordo com a página virtual do Fórum Orientando (2022), o gênero, ou identidade de gênero, é a experiência subjetiva e pessoal de uma pessoa de categorias sociais de gênero. Toda sociedade tem categorias e expectativas de gênero que podem estar associadas a certas características sexuais físicas; essas categorias podem servir de base para a identidade de gênero pessoal em relação à sociedade.

Essas categorias básicas remetem à ideia binária, ou seja, à separação das características físicas e psicológicas femininas/masculinas. Basicamente, gênero não depende da genitália ou aparência de uma pessoa, atual ou desejada, nem é algo necessário ou imutável. A origem da identidade de gênero pessoal não é clara, pois é possível que existam fatores sociais e biológicos iguais, mas, independentemente da origem, o gênero não é uma escolha pessoal, pois é um processo pessoal completamente inconsciente.

A definição mais consistente do que é uma pessoa não binária nem sempre é tão facilmente delineada: por se tratar de um conceito relativamente novo e contestado, essa identidade é múltipla, passível de mudança, modificação e adição de novas identidades. O termo “não binário” também pode ser visto como um “guarda-chuva” para múltiplas identidades agregadas por seu significado compartilhado. Também pode ser descrito como “todos aqueles que não são 100% femininos nem 100% masculinos” (IDENTIDADES WIKI, 2021), mas também inclui aqueles que são completamente sem gênero.

Determinada a origem social do que de fato é considerado não binário, há um fator linguístico diretamente afetado por quaisquer mudanças no

núcleo de seus falantes; vemos isso em novas palavras sendo adicionadas e alteradas o tempo todo. No entanto, o processo aqui mencionado é bastante ambicioso: mudar a forma como usamos o gênero contido nas palavras da língua portuguesa.

Em primeiro lugar, é preciso distinguir quando mudar de gênero: a linguagem não binária ou neutra (LN-B) propõe substituir substantivos, adjetivos, numerais, pronomes e artigos por uma versão neutra pautada na língua latina, a raiz portuguesa, ou seja, sem as letras –a, –e e –o, que indicam o gênero feminino e masculino. Portanto, apenas palavras com terminação de gênero, ou seja, palavras que podem ser alteradas de feminino para masculino. Por exemplo, as palavras mesa, livro e cadeira não podem ser escritas como *meso, *livra e *cadeiro conforme nos afirma Rocha Lima (2000). Além de não gramaticais, as palavras não têm gênero no sentido físico e humano, portanto não são intercambiáveis e, portanto, não são adequadas, pois a LN-B é exclusivamente para nomeação humana. Por outro lado, pronomes como ele/a, nosso/a etc., substantivos como garoto/a, professor/a etc., ou mesmo adjetivos como linda/o etc., e outros contêm a desinência, independentemente de que seja suprimida, como em professor, ou completo, com morfemas a/e/o.

Sobre essa questão da neutralidade de gênero, os defensores do uso da LN-B alegam que, por ser muito repetitivo em sua concordância, a neutralidade da linguagem também é uma opção para evitar redundâncias de gênero, o que mostra que não há nada de especial a delimitar. Isso acontece da mesma forma que no inglês, que possui construções como pronomes (eu, você, nós e outros), substantivos (amigo, professor, funcionário e outros) que não possuem gênero limitado, dependendo da especificação do interlocutor, seja pelo nome, seja tipo físico, seja literalmente de menina/mulher ou menino/homem.

Para explorar e exemplificar o uso dessas estruturas não binárias, selecionamos do *Guia de Linguagem Oral Não Binária e Neutra*, de Lobo e Gaigian (2015), e de postagens na página da rede social RExistência Não Binária, do Facebook, algumas estruturas linguísticas que são mais presentes no uso dessa linguagem.

Pode-se resumir as modificações desse Guia pela troca ou supressão dos artigos –o e –a (as desinências) e a realização de adaptações para palavras com terminações –go/ga e –co/ca substituídas por –gue/–que; as terminações plurais –res/–ras substituídas por –ries; a terminação –ão/–ã substituídas por –ane; e, por fim, os sistemas de pronome élú, ilu e el e a substituição dos artigos “a(s)” e “o(s)” pelo artigo neutro “le(s)”

Formação na Língua Portuguesa

Lindo/linda Menino/menina

Amigo/Amiga Técnico/Técnica Psicólogo/Psicóloga

Professor/Professora/ Professores/Professoras Trabalhador/Trabalhadora

Trabalhadores/Trabalhadoras

Formação na LN-B

Linde/ Menine
Amig~~ue~~/ Tecni~~que~~/ Psicólo~~gue~~
Professore/ Professore~~s~~/ Trabalhadore/ Trabalhadore~~s~~
Irmane/ Anfitriane

Os três sistemas de pronome foram baseados na herança latina de nossa língua (*Illud*, o vocábulo neutro do latim referente a “aquilo”). São eles, representados de forma simplificada:

Língua Portuguesa

Ele/ela
Dele/dela
Meu/minha
Seu/sua
Aquele/aquela
Artigo o/a

Sistema ILU

ILU
DILU
MI/MINHE
SU/SUE
AQUELU
LE

Sistema ELU

ELU
DELU
MI/MINHE
SU/SUE
AQUELU
LE

Sistema EL

EL
DEL
MI/MINHE
SU/SUE
AQUEL
LE

Abaixo estão alguns exemplos fornecidos pelo *Guide to Non-Binary or Neutral Oral Language* (2017) para ajudar a entender a formação de frases aplicáveis:

- Os olhos dele são marrons. → Os olhos de Del/delu/dilu são castanhos.
- Esta é a sobrinha. → Esta é minha sobriedade.
- O nome do seu namorado é Ariel? → O nome de su/sue namorado é Ariel?
- A menina pulou o muro → “Le menine pulou o muro”.

Existem outros caminhos sugeridos pelo blog/fórum Orientando, que são muito recentes, que emergem desta proposta de guia e visam revelar como essa linguagem ainda está sujeita a mudanças de acordo com as escolhas pessoais do falante/usuário. Ainda é possível substituir várias palavras, não apenas pronomes, por termos equivalentes em inglês, francês e espanhol (que também possuem suas próprias LN-B's e atendem às necessidades de cada nação).

Nos espaços virtuais de comunicação, em que há a predominância de diferentes modos de escrita, como o internetês e a linguagem neutra, por exemplo, propiciam aos usuários utilizarem as expressões X e @ para substituir as terminações. Apesar de sua popularidade e facilidade (e da insistência da comunidade de que seu uso não é errado), muitos não binários

rejeitam a prática porque ela pode prejudicar a leitura/compreensão de cegos, surdos e disléxicos, deixando esses grupos minoritários de fora quando o objetivo é promover a inclusão. A título de exemplo dessa problemática, o uso do “X” em construções como *meninxs*, *todxs*, *queridx*, entre outras formas, impossibilitaria a leitura de pessoas com deficiência visual, além de prejudicar a pronúncia correta do texto. Assim, as expressões formadas com “X” na forma neutra, são impronunciáveis e tampouco são contempladas na Língua Brasileira de Sinais e no Braille.

Como se observa, essa linguagem modifica substantivos, adjetivos, pronomes e artigos sem alterar a semântica da palavra, embora a estrutura morfossintática e fonética não seja preservada, o que de fato não incomoda os sujeitos que fazem uso da neutralização de gênero.

4. Metodologia

O presente estudo consiste em uma pesquisa aplicada, de caráter exploratório, por meio de levantamento bibliográfico atualizado sobre o tema, bem como dispositivos legais que disciplinam a matéria. Esse tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com a temática, com vistas a torná-la mais clara e difundida. Para Creswell (2007), esse caminho metodológico pode envolver o pesquisador em variáveis importantes a examinar, por se tratar de temas pouco abordados com uma determinada amostragem. Assim, dá-se importância ao aspecto qualitativo do estudo.

Além de realizar um significativo levantamento bibliográfico acerca da L-NB, tratamos de aspectos do *Guia de Linguagem Oral Não Binária e Neutra*, de Lobo e Gagalian (2015), mas também postagens da página RExistência Não Binária, do Facebook, para verificar e compreender melhor algumas estruturas que são utilizadas nesse tipo de ação comunicativa.

A pesquisa também utilizou o método descritivo, que visou não só relacionar as variáveis de análise central, mas também apresentar subsídios de informação que possam servir de diretrizes para ações de transformação da realidade. Nos dizeres de Creswell (2007), o método descritivo ainda pode ser uma história ampliada, uma análise de casos ou um retrato detalhado da realidade pesquisada. Nesse sentido, os resultados são apresentados de forma qualitativa, a partir da coleta de informações de fontes secundárias, sobre a aceitação do uso da LN-B, incluindo revisão bibliográfica e comentários analíticos.

5. Análise de resultados

A luta pela inclusão dos não binários por meio do uso da LN-B parece estar repercutindo nos espaços sociais mais elevados da política brasileira, a exemplo do governo atual, que adotou a linguagem neutra em pelo menos seis cerimônias de posse de ministros e ministras. Consideramos que, mesmo com todos os desafios e opiniões contrárias, o uso do “todes” não seria uma tentativa de destruição do português, mas, pelo contrário, um sinal de que as lutas dos grupos que reivindicam a inclusão dos grupos não binários têm repercutido nos âmbitos mais altos da política nacional. Assim, a lin-

guagem está em constante movimento para fazer cumprir com as intenções comunicativas da língua e esses usos parecem apontar para um movimento, cada vez mais expressivo de aceitação da LN-B.

Tendo em vista o contexto atual, no caso específico de uma mudança envolvendo marcas inclusivas de gênero, que podem facilmente se disseminar por redes sociais, *blogs* e outros ambientes virtuais, alguns aspectos de caráter geral devem ser considerados diante da mudança consciente, ou deliberada, envolvendo a morfologia de uma língua. O primeiro deles é que, apesar de o fenômeno da variação e da mudança atingir os diferentes níveis da língua, não os atinge em igual escala. Pelo modo como os sistemas linguísticos se organizam, e não por questões sincronicamente ideológicas, como morfemas, fonemas e condições de estrutura silábica, são mais resistentes a mudanças. Ser resistente, porém, não significa ser impermeável. O grau de permeabilidade, contudo, parece depender da pressão dos fatores sociais e da naturalidade dos processos envolvidos na mudança, estes últimos a que nos referimos como limites do sistema.

O segundo aspecto que destacamos é o uso linguístico inclusivo para delimitar um espaço social e ideológico do grupo que reivindica essa aplicação e que depende da clareza coletiva sobre o referente semântico das formas inovadoras e da consciência de que, seja qual for esse referente, sua representação formal será sempre um recorte categorial. Desse modo, é preciso que as pessoas conheçam e sejam capazes de identificar no mundo, de forma mais ou menos tácita, o significado de categorias como *cis*, *trans*, *não binário*, entre outros, para que as marcas linguísticas que as designem se estabeleçam no uso. Mesmo assim, uma gramática que conte apenas com *o/a/e* designando, respectivamente, masculino, feminino e não binário, ainda que amplie as possibilidades de representação linguística de entidades do mundo, seguirá não dando conta de todas as possíveis segmentações ou subsegmentações de gênero social.

Alguns dos empregos inclusivos de gênero que consideramos neste texto encontram-se em pleno uso na língua, como a marcação feminina de nomes comuns de dois gêneros e a adoção concomitante de formas femininas e masculinas, sobretudo em vocativos e pronomes, em lugar do uso genérico do masculino. Outros empregos têm uso mais restrito, alguns ainda figurando como propostas, como é o caso do Sistema *Ile* e de outros esquemas envolvendo pronomes. Os segmentos finais *X* e *@*, que apresentaram alguma aplicação para marcar neutro nos nomes até mesmo em usos menos informais nos últimos anos, vêm se tornando mais escassos por serem restritos à escrita, já que o sistema ortográfico do português não prevê correspondência para esses caracteres no sistema fonológico, particularmente em núcleo de sílaba. Em dada medida, parece prosperar, em contrapartida, o emprego de *-e* como morfema alternativo de neutro em substantivos e adjetivos que se referem a seres sexuados, como visto nos dois casos descritos no início desta subseção. O ritmo, porém, de uma variação e possível mudança nesse sentido em Português Brasileiro - PB – é controlado pelo sistema de marcação e pela produtividade de palavras fechadas por esta vogal. A ambiguidade de um neutro em *-e* com usos masculinos de nomes fechados por essa mesma vogal (ex. o presidente) exemplifica essa complexidade.

Entre os muitos papéis da linguística está certamente a compreensão

de como a mudança é tratada em expressões especializadas, interna ou externamente, que nomeamos aqui de sistemas. Como ciência, embora não tenham diretrizes verbais para o comportamento, tem um compromisso inegável de compreender a diferença. Nesse sentido, o já significativo corpo de pesquisa sobre uso inclusivo e rotulagem neutra em termos de gênero no PB, ao qual este ensaio se soma, pode dar uma importante contribuição.

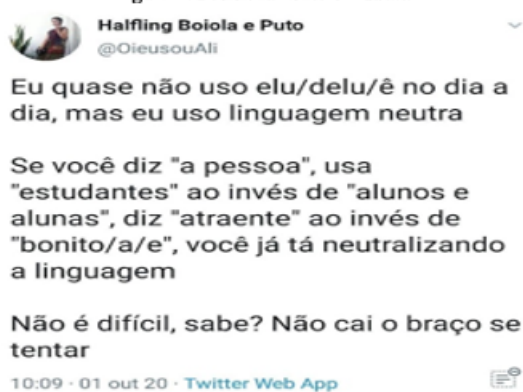
A linguagem não binária é uma proposta que requer prática tanto dentro como fora da comunidade LGBTQIAP+. É possível observar, principalmente nas redes sociais, como *Facebook*, *Twitter* e *Tumblr*, o uso de variantes neutras e discussões sobre o tema dentro e fora dos grupos *Queer*. Como podemos vislumbrar nas figuras a seguir:

Figura 1: Administrador da página REexistência Não Binária em *Live*



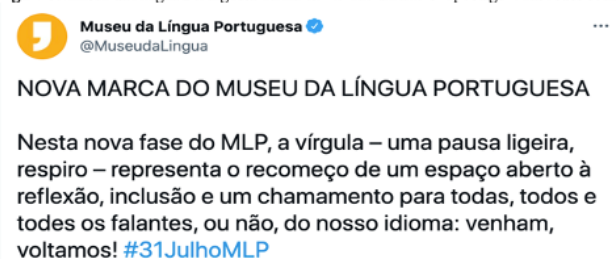
Fonte: Dados da Pesquisa, 2022.

Figura 2: Posicionamento em *Twitter*



Fonte: Dados da Pesquisa, 2023.

Figura 3: Museu da Língua Portuguesa utiliza termo não binário em postagem nas redes sociais



Fonte: Dados da Pesquisa, 2023.

linguagem neutra, em suas diferentes formas de apresentação, o que sugere a alta penetração que ela tem no ambiente virtual. Nesse sentido, buscando compreender a aceitação por parte dos usuários das redes virtuais, foram disponibilizados pelos administradores da página RExistência Não Binária, na rede social *Facebook*, questionários que buscavam criar um vínculo entre teoria e sua aceitação na realidade, avaliando, comparativamente, dados de pessoas que conheciam/usavam LN-B (grupo 1) e de pessoas que não conheciam essa linguagem (grupo 2). Para cumprir esse objetivo, os administradores tomaram as seguintes questões: (i) Qual é a sua idade e nível de escolaridade? (ii) Você apoia o uso da Linguagem Não Binária? (iii) O uso do 'X' e '@' é realmente inclusivo? (iv) Você acredita que a Linguagem Não Binária dificulta a comunicação?

A partir dessa pesquisa realizada pelos administradores da página, constatou-se, então, que, entre os entrevistados, a maioria era jovem, com graduação acrescida, mas sem especialização. Ainda de acordo com dados apresentados, percebeu-se, e junto a eles percebemos, que ambos os grupos, os que conheciam e usavam e os que não conheciam, demonstraram apoio ao uso da LN-B para incluir as minorias LGBTQIAP+ e não apenas elas, mas de toda pessoa sem distinção. Sobre as formas de apresentação da LN-B nas redes, o grupo 2 considera que x e @ indicam que as substituições ainda são confusas, no entanto esse mesmo grupo avalia que elas não são incompreensíveis. Além disso, de acordo com dados das respostas dos dois grupos, evidenciou-se que, na opinião dos respondentes, a LN-B desempenha um papel essencial na expressão da identidade LGBTQIAP+, pois esses sujeitos a disseminam nas mais diversas áreas, dentro e fora das redes *on-line*, sendo capazes de se adaptar a todas as situações: formal e informal (família, trabalho, amigos, instalações escolares e acadêmicas etc.).

Ainda a esse respeito, é justo afirmar que as mudanças propostas pela LN-B não prejudicam, na opinião geral dos dois grupos, a comunicação dos falantes de forma que dificulte a compreensão; porém, por haver um certo afastamento do nível já estabelecido pelas gramáticas da língua portuguesa, desperta-se neles, como nos falantes em geral, certa aversão ao que é diferente ou fora da norma padrão.

Por fim, pode-se pensar que a população jovem LGBTQIA+ utiliza a LN-B para se comunicar, principalmente em redes *on-line*, no entanto procura estendê-la a todas as áreas que a atravessam (escolar/acadêmica, familiar, ambiente de trabalho etc.), tendo em conta que a adaptação da LN-B foi considerada satisfatória em relação às variantes não binárias presentes ao longo desta análise. Em relação a uma população que não conhecia a língua (como agora a conhece), eles se dispuseram a considerá-la uma adaptação válida da língua portuguesa em termos de inclusão, mas hesitaram quanto à sua adequação e a classificaram como insatisfatória. Ambos os grupos concordam com o papel dado à LN-B na interação e inclusão dos gêneros sociais, afirmando que apoiam a inclusão de todos os indivíduos, sejam eles binários, sejam não binários.

6. Palavras finais

A língua é um organismo vivo que está em constante transformação para se

adequar às necessidades particulares e coletivas dos falantes. Assim, a linguagem neutra se trata de uma forma linguística que visa a incluir pessoas claramente marginalizadas por não se enquadrarem no padrão socialmente estabelecido. Elas estão presentes em todos os espaços, por isso é válido que também sejam incluídas por meio da linguagem, representadas e valorizadas por meio dela.

Podemos, então, concluir que a LN-B faz parte de diversos movimentos sociais e, assim, é utilizada com o propósito de incluir diferentes gêneros sexuais/sociais e torná-los visíveis, válidos e reconhecidos pela sociedade. Ao adquirir recursos que, assim como o português, adaptam-se aos gêneros textuais, a LN-B consegue incorporar às necessidades comunicativas da língua para um determinado grupo que queira utilizá-la. Analisando as respostas da pesquisa aplicada pelo administrador do grupo RExistência Não Binária, no *Facebook*, ficou claro que essa linguagem tem um impacto positivo na comunidade não falante, visto que a sociedade brasileira ainda tem muitos estereótipos sobre diversidade de gênero, principalmente na fala, além do preconceito.

Ainda há muito o que pesquisar sobre uma linguagem neutra ou não binária, pois sua mudança é constante e diária, sempre dependendo de seus falantes e de suas intenções, o que dá aos pesquisadores ainda mais termos e aspectos para estudar e pensar. Porém, a população mais conservadora não espera que a Linguagem Neutra venha a se tornar oficial, de modo que seja estudada juntamente com a gramática normativa e tantos outros aspectos linguísticos nos estabelecimentos de ensino. Em direção contrária, há militantes que defendem a ideia de oficialização da LN-B, sobretudo por existir bebês intersexo, que por questões genéticas não se encaixam no padrão binário (masculino/feminino). Nesse caso, a linguagem neutra chegaria, inclusive, aos documentos de identificação, como Registro Geral (RG) e Carteira Nacional de Habilitação (CNH), por exemplo.

Do ponto de vista de uma grande parcela dos pesquisadores, considera-se que, assim como o internetês, ela seria usada em situações pontuais nos ambientes virtuais, em campanhas publicitárias, marcas de acessórios/roupas que busquem atrair pessoas do grupo LGBTQUIAP+ e em encontros de grupos e indivíduos que adotem essa forma de se comunicar para maior respeito e inclusão às diversidades.

Na condição de pesquisadores de linguagens, precisamos estar atentos a esse processo de mudança da língua, a fim de compreendê-lo e compreender também os seus impactos sociais nas interações entre as pessoas na sociedade.

Referências

BAGNO, M. O que é uma língua? Imaginário, ciência e hipótese. *In: LAGARES, X.; BAGNO, M. (Org.). Políticas da norma e conflitos linguísticos*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BALDEZ, D. **O uso da marcação de gênero neutro no Twitter por uma perspectiva sociolinguística**. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras) –

Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

BASSO, R; GONÇALVES, R. T. **História concisa da língua portuguesa**. Editora Vozes Limitada, 2017.

BORTONI-R. S. M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003

CARI L.; GAIGAIAN, V. **Guia para a Linguagem Oral não-binária ou neutra** (PT-BR), 2015. Disponível em: <http://pt-br.identidades.wikia.com/wiki/Linguagem_n%C3%A3o-bin%C3%A1ria_ou_neutra>. Acesso em: 01 ago. 2022

CRESWELL, J. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Trad. Luciana de Oliveira da Rocha. 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2007.

FARACO, C. A. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

HALL, S. Quem precisa de identidade? *In*: SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva de estudos culturais**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 1962.

LEITE, M. Q. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

ORIENTANDO: um espaço de aprendizagem. **Lista de gêneros**. Disponível em: <https://orientando.org/listas/lista-de-generos/>. Acesso em: 01 ago. 2022.

ORIENTANDO: um espaço de aprendizagem. **O que é gênero?** Disponível em: <https://orientando.org/o-que-e-genero/>. Acesso em: 01 ago. 2022.

ORIENTANDO: um espaço de aprendizagem. **Tipos de linguagem**. Disponível em: <https://orientando.org/listas/tipos-de-linguagem/>. Acesso em: 01 ago. 2022.

ROCHA, L. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 38. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

SALIH, S. **Judith Butler e a teoria queer**. Trad. Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva de estudos culturais. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

WIKI IDENTIDADES. **Não-binariedade de gênero**. Disponível em: http://pt-br.identidades.wikia.com/wiki/N%C3%A3o-binariedade_de_g%C3%AAnero. Acesso em: 01 set. 2022.